



Universidade: presente!



XXXI SIC

21. 25. OUTUBRO. CAMPUS DO VALE

JOÃO FAHRION PROFESSOR: AS BASES PARA O ESTUDO DO DESENHO DE MODELO VIVO

Ana Paula BERCLAZ¹, Paula RAMOS²
¹ Bolsista de Iniciação Científica PROBIC//UFRGS,
aluna do Bacharelado em História da Arte/UFRGS
² Orientadora

RESUMO E PALAVRAS-CHAVE

Além de legar significativos trabalhos em pintura, desenho, gravura e pintura mural, João Fahrion (Porto Alegre, RS, 1898 –1970) teve uma importante atuação como professor. Antes de seu compromisso com o IBA, Fahrion trabalhou como professor em Pelotas, onde ministrou aulas de desenho no Instituto de Belas Artes (1927–1932) e no Instituto de Educação Assis Brasil (1929–1932). Sua formação iniciou em Porto Alegre, nos anos 1910, com o escultor italiano Giuseppe Gaudenzi (1875–1966) e teve continuidade na Europa, entre 1920 e 1922, quando realizou estudos na Alemanha. Em Berlim, teve aulas com Wilhem Müller-Schönfeld (1867–1944) e Otto Seeck (1868–1937), bem como frequentou o “Atelier Lewin-Funcke”, do artista Arthur Lewin-Funcke (1866–1937), no qual a ênfase estava na representação do corpo humano, tanto em desenho como em modelagem, a partir da observação de modelos vivos. Foi essa experiência que Fahrion implantou no Brasil, quando se tornou professor. Dando seguimento à investigação desenvolvida no âmbito do projeto *Percursos do Modernismo no Rio Grande do Sul – Obra, Trajetória e Abrangência da Poética de João Fahrion*, esta pesquisa apresenta e discute a visão e as propostas pedagógicas de João Fahrion para a cátedra de “Desenho de Modelo Vivo” do IBA, a partir das respostas dadas pelo docente no questionário solicitado pela Comissão Parlamentar de Inquérito nº45/1961 de Brasília – nomeada “CPI para estudar o problema do ensino universitário no Brasil” – instaurada em 1961.

João Fahrion; ensino de artes visuais; desenho de modelo vivo.

OBJETIVOS

O trabalho colabora na construção da trajetória de “João Fahrion professor” e revela como era sua abordagem pedagógica na disciplina de “Desenho de Modelo Vivo” dos cursos de Pintura e Escultura do IBA, a qual continuou sendo utilizada pela instituição até 1970.

JUSTIFICATIVA

Atualmente, o acesso aos planos de ensino e aos projetos pedagógicos dos cursos de graduação nas universidades brasileiras, é relativamente simples. Todavia, durante muito tempo, esse tipo de registro era pouco documentado e seu acesso restringia-se aos professores e aos setores administrativos das instituições; como é o caso do que ocorria no antigo Instituto de Belas Artes. Não há registros das ações dos professores, tampouco documentação a respeito de seus programas de ensino, de modo que encontrar um material que dê pistas sobre isso é muito motivador. Buscando informações sobre João Fahrion foi localizado o questionário desenvolvido pela CPI nº45/1961, no qual ele apresenta sua percepção em relação às disciplinas que ministrava naquele momento – Desenho de Modelo Vivo III e IV. Portanto, este trabalho contribui às pesquisas sobre o ensino das artes visuais no Rio Grande do Sul daquele período, e em especial sobre a visão do professor João Fahrion em relação às questões de desenho.

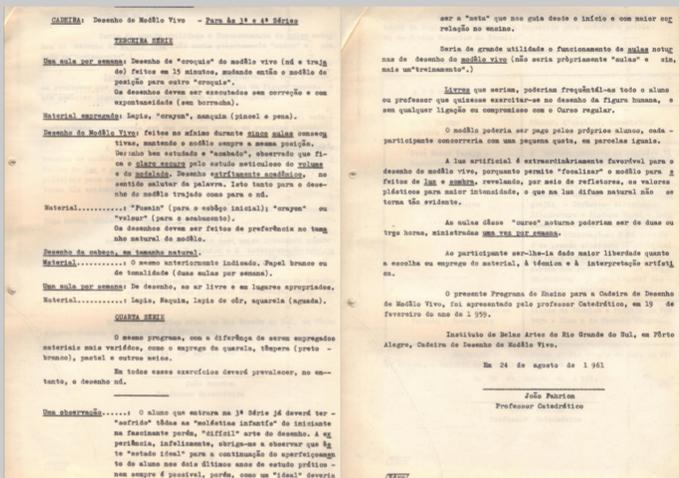
METODOLOGIA E APONTAMENTOS

Pesquisa documental e iconográfica junto ao Acervo do Arquivo Histórico do Instituto de Artes (AHIA), além de pesquisa junto ao acervo da Família Fahrion.

A leitura e observação deste questionário nos traz as seguintes percepções do artista-professor João Fahrion: [1] Fahrion percebia com certa decepção que grande parte dos alunos que ingressavam na 3ª série não havia adquirido um bom nível de competência no desenho pois, segundo ele, “o aluno que entrara na 3ª série já [deveria] ter ‘sofrido’ todas ‘moléstias infantis’ do iniciante na fascinante porém, ‘difícil’ arte do desenho. A experiência, infelizmente, obriga-me a observar que este ‘estado ideal’ para a continuação do aperfeiçoamento do aluno nos dois últimos anos de estudo prático nem sempre é possível [...]”; [2] suas aulas eram eminentemente práticas, e o aprendizado dos alunos ocorria através de desenhos rápidos e espontâneos, e de desenhos mais técnicos e elaborados do modelo vivo nu e trajado; [3] para Fahrion era importante ao aluno se aperfeiçoar nas técnicas de desenho e pintura, visto que na bibliografia indicada por ele consta uma coleção completa de livros alemães, publicados pela Editora Otto Maier, sobre técnica e prática de desenho figural e pintura; [4] as aulas ocorriam de manhã e de tarde, mas Fahrion julgava que o período noturno era o mais adequado pois, para ele, “a luz artificial [era] extraordinariamente favorável para o desenho de modelo vivo, [já que permitia] ‘focalizar’ o modelo para efeitos de luz e sombra, [...] o que na luz difusa natural não se [tornava] evidente”; [5] Fahrion defendia o desenho de caráter pessoal, isto é, solto e gestual mas, para isso, primeiro o aluno necessitava aprender o “desenho estritamente acadêmico, no sentido salutar da palavra, tanto para o desenho do modelo trajado como para o nu”; e [6] Fahrion tinha uma postura contrária às inovações artísticas, sobretudo em relação às vanguardas de caráter abstrato, questão observada no título *Könnner, Künstler, Scharlatane* (1960) – obra recomendada em sua bibliografia – do historiador da arte alemão Richard Eichler (1921–2014), que apresenta uma visão negativa da arte abstrata.



Desenhos de modelo vivo produzidos na Alemanha durante a formação do artista, década de 1920
Coleção Dayse Fahrion, Porto Alegre



Programa de ensino de João Fahrion apresentado no questionário da CPI nº 45/1961
AHIA | Instituto de Artes | UFRGS

ACERVOS

Arquivo Histórico do Instituto de Artes | AHIA | Instituto de Artes | UFRGS
Coleção Dayse Fahrion, Porto Alegre

REFERÊNCIAS

Comissões parlamentares de inquérito: 1946 a 2002. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2006. 580 p. – (Série documentos parlamentares; n.150). p. 74-75. Disponível em: <bd.camara.gov.br/bitstream/handle/bdcamara/CPIs_CD_1946-2002> Acesso em 10 set. 2019.

RAMOS, Paula. *A modernidade impressa: artistas ilustradores da Livraria do Globo – Porto Alegre*. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 2016.

SIMON, Círio. *Origens do Instituto de Artes da UFRGS – Etapas de 1908 a 1962 – Contribuições na constituição de expressões da autonomia no sistema das artes visuais do Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.